

O contributo de Wenceslau de Moraes para o estudo das relações linguísticas entre Portugal e o Japão

The Contribution of Wenceslau de Moraes' Work to the Study of Linguistic Relationships between Portugal and Japan

Maria Sousa¹ 

Maria do Céu Fonseca² 

Paulo Osório¹ 

¹Universidade da Beira Interior, Covilhã, Portugal

E-mails: mariactsousa@hotmail.com; pjtrso@ubi.pt

²Universidade de Évora, Évora, Portugal

E-mail: cf@uevora.pt

Resumo

Num dos muitos livros dedicados à amizade entre Portugal e Japão, Wenceslau de Moraes (1854-1929), viajante apaixonado pela cultura nipónica, refere-se ao seu “passeio filológico, ao longo da gramática japonesa” (2015, p. 87), a título de convite lançado ao leitor. Embora o passeio seja curto no caso da presente obra, *Relance da Alma Japonesa*, o repto desafia qualquer um a pesquisar outras possíveis incursões filológicas na obra de um autor caracterizado por uma inclinação orientalista, que, na sequência da descoberta do sânscrito, foi também timbre da filologia oitocentista. É esta a linha que se segue no presente trabalho, que pretende revisitare a obra de Wenceslau de Moraes no tocante a matérias de língua e que, considerando a dimensão sempre contrastiva entre Oriente e Ocidente que o autor imprime ao tratamento de tais matérias, se sintetiza na expressão de relações linguísticas entre Portugal e o Japão. Referem-se

Editores-chefes

Marcus Dores

Célia Lopes

Como citar:

SOUSA, Maria; FONSECA, Maria do Céu; OSÓRIO, Paulo. O contributo de Wenceslau de Moraes para o estudo das relações linguísticas entre Portugal e o Japão.

Revista LaborHistórico, v.9,

n.2, e62535, 2023. doi:

[https://doi.org/10.24206/](https://doi.org/10.24206/lh.v9i2.62535)

[lh.v9i2.62535](https://doi.org/10.24206/lh.v9i2.62535)

todos os aspetos linguísticos detetados na obra do autor. Embora se façam alguns cortes, as abordagens linguísticas de Wenceslau de Moraes podem ser organizadas nas áreas de morfologia, sintaxe, léxico, onomástica e paremiologia.

Palavras-chave

Wenceslau de Moraes, Japão, Portugal, Relações linguísticas, Descrição linguística.

Abstract

In one of the many books dedicated to friendship between Portugal and Japan, Wenceslau de Moraes (1854-1929), a passionate traveller about the Japanese culture, refers to his “philological trip in the Japanese grammar” (2015, p. 87), as an invitation to the reader. Although this trip is short in the case of this work, *Relance da Alma Japonesa*, the challenge invites anyone to research other possible philological incursions in the work of an author characterized by an orientalist leaning, who, following the discovery of Sanskrit, was also a nineteenth-century philological landmark. This aspect is pursued in this paper, which aims to revisit the work of Wenceslau de Moraes with regard to language matters and which, considering the ever-contrastive dimension between East and West that the author employs in such matters, is summarized in the expression of linguistic relations between Portugal and Japan. All linguistic aspects detected in the author’s work are mentioned. Wenceslau de Moraes’ linguistic approaches can be organized with a certain degree of curtailment in the areas of morphology, syntax, lexicon, onomastics and paremiology.

Keywords

Wenceslau de Moraes, Japan, Portugal, Linguistic relations, Linguistic description.

Introdução

“[P]asseio filológico” (Moraes, 2015, p. 87), “cabedalsinho de linguística” (Moraes, s.d., II, p. 65)¹, “despretensiosos commentarios acerca da língua” (Moraes, 1907, p. 238) são expressões que o escritor português usa nas suas incursões em matérias de linguagem e de língua japonesa, feitas duas declarações de interesses: não ser proficiente em japonês, mas capaz de “interessar leitores distantes” e entender que a “philologia attingiu modernamente (...) uma importancia consideravel” (Moraes, 1907, p. 239). À data destas palavras, já a filologia científica ou a “filologia moderna”

¹ Todas as indicações “s.d., II” se referem à obra *Cartas do Japão II*, 2.^a Série – 1909-1910. Lisboa: Sociedade Editora Arthur Brandão & C.^a; e todas as indicações “s.d., I” se referem a *Cartas do Japão I*, 2.^a Série – 1907-1908. Lisboa: Sociedade Editora Arthur Brandão & C.^a

(Vasconcelos, 1929, p. 886) se estabelecera em Portugal sob a égide de Francisco Adolfo Coelho (1847-1919) e por influência do comparativismo e do historicismo que caracterizaram a linguística do século XIX. Pegando na tão discutida relação entre “Linguistik und Philologie” que ocupou August Schleicher (1821-1868) na segunda metade da centúria (Koerner, 2014, p. 69), Wenceslau de Moraes, não sendo filólogo nem linguista², partilha da visão e do fazer de uma “filologia oitocentista” (Marquilhas, 2010) de natureza histórica, documental e enciclopédica, no sentido de um campo de atuação centrado na investigação do pensamento, da vida cultural de um povo, da sua memória coletiva. Trata-se de um programa ambicioso, no sentido que atribui Ivo Castro (1997, p. 603) à filologia romântica, citando Luciana Stegagno-Picchio: “entender, no sentido mais amplo do termo, quanto um outro homem, mesmo distante no tempo e no espaço, confiou aos signos”.

Na literatura, muitos são os signos que, desde a época áurea dos Descobrimentos, representam o Oriente longínquo e exótico. Uma das vertentes que a estética romântica do fim do século herda dos Descobrimentos é o “mito do Oriente” (Machado, 1983), sendo que, para Álvaro Manuel Machado (1983, p. 82), o orientalismo da obra de Wenceslau de Moraes “não se expande para lá de uma certa cultura enciclopédica característica (...) de uma certa tendência da cultura oitocentista”, que abarca língua, literatura, costumes e moral³. A inclinação orientalista e a associação entre a língua e a natureza dos povos, ligada também à ideia de génio da língua, são características da abordagem filológica da escola romântica (Marquilhas, 2010, p. 358), patentes nas relações que Wenceslau de Moraes sempre estabelece entre a língua e a alma japonesa. No mesmo período, o francês Jean Cyprien Balet (1867-1948), autor de uma gramática japonesa – a única fonte gramatical a que parece recorrer Wenceslau de Moraes –, estabelece a mesma relação entre génio da língua e génio do povo para individualizar a língua japonesa:

(...) de ce que le sujet proprement dit est exprimé sous forme de génitif, de ce que les verbes à n’importe quel temps et à quel mode sont complètement impersonnels, de ce que le complément direct ou indirect précède le verbe, toutes choses qui ne cadrent guère avec la manière d’exprimer notre pensée, il faut tout simplement conclure que le génie de la langue japonaise est différent parce que la race diffère (Balet, 1899, p. 13).

² Talvez melhor se lhe apliquem os epítetos que Prista e Albino (1996, p. xi) sugerem em alternativa a “filólogo”, isto é: “polígrafo que publicou sobre a língua”; ou “etnógrafo que coligiu dados com interesse para a linguística”.

³ Eis como este orientalismo exótico ou “sedução do Oriente” (Laborinho, 2004, p. 35), moda literária do século XIX, é apresentado por Wenceslau de Moraes (s.d., I, p. 300-301, 303): “Quando se observa a paisagem nipponica, quando se estuda a arte dos japonezes, ou a sua litteratura, ou mesmo a sua língua, ou mesmo os seus costumes, o que mais impressiona, talvez, é a novidade, a surpresa das descobertas, esse não se quê, que vem impregnado de exotismo e nos dá a noção clara de que nos achamos em contacto com um povo muito differente de nós mesmos, tendo desenvolvido a sua intelligencia, havendo ganho a sua civilização, por caminhos estranhos, que os europeus nunca trilharam”; e, mais adiante, o autor acrescenta “um cerebro differente dos nossos cerebros do Occidente”, uma moral e filosofia singulares.

Trata-se, quanto a Wenceslau de Moraes, de uma visão filtrada pela sensibilidade de quem viveu e foi protagonista das experiências relatadas, como destaca a generalidade dos estudiosos do poliédrico escritor português. O próprio exotismo de finais de Oitocentos constitui “uma forma de relativismo que tende a distinguir um país, ou uma cultura, definidos exclusivamente pela relação com o observador” (Laborinho, 2004, p. 47). Autor de uma vasta e variada obra⁴, produzida numa era histórica do Japão apelidada “Restauração Meiji” (1868-1911)⁵, e dispersa por prosa, ensaios, crónicas jornalísticas e abundante epistolografia, Wenceslau de Moraes procura “não só evocar o passado e descrever o presente da civilização do Sol Nascente, mas também atingir a sua alma” (Garcia; Costa, 1993, p. 29). É sob esta dupla perspectiva que o autor discorre sobre tópicos de gramática, léxico, onomástica, paremiologia e escrita ideográfica, por contraste com a alfabética, na linha do comparativismo entre línguas orientais/línguas ocidentais e, mais especificamente, entre japonês/português. Indo além de uma visão genérica da língua, detém-se em várias áreas e matérias gramaticais, que são apresentadas sempre em ligação com a filosofia da vida japonesa.

Visa-se, na continuação deste trabalho, elencar as matérias de língua sobre as quais o autor se debruçou e percorrer o itinerário do seu pensamento gramatical no contexto da ideologia romântica, em que o discurso em torno da língua é mediatizado por impressões e emoções, que, no caso, são também influência do exotismo oriental com raiz histórica na época dos Descobrimentos. Na secção seguinte serão contextualizados aspetos linguísticos desta herança dos séculos XVI-XVII, presentes na obra de Wenceslau de Moraes.

Contextualização

O subgénero da literatura de viagens sobre o oriente nos séculos XIX e XX português é transversalmente marcado por uma matéria narrativa que retoma o orientalismo das potências ibéricas quinhentistas e o tema do encontro entre o Ocidente e o Oriente, considerado tanto nos aspetos do exotismo, quanto nos do conhecimento científico que desencadeou. Como é sabido, no orientalismo português este encontro com o Japão entre 1543-1640 foi também um “encontro interlinguístico” (Verdelho,

⁴ A título informativo, deixam-se alguns títulos da obra literária de Wenceslau de Moraes: *Traços do Extremo Oriente* (1895), *Dai-Nippon* (1897), *Cartas do Japão* (começaram a serem escritas em 1904), *O Culto do Chá* (1905), *Paisagens da China e do Japão* (1906), *A Vida Japonesa* (1907); *O “Bon-Odori” em Tokushima* (1916), *Ko-Haru* (1917), *Fernão Mendes Pinto no Japão* (1920), *Ó-Yoné e Ko-Haru* (1923), *Relance da História do Japão* (1924), *Os Serões no Japão* (1926), *Relance da Alma Japonesa* (2015), *Osorachi* (1933). Elenco mais completo pode encontrar-se em Garcia e Costa (1993).

⁵ Cronologicamente situada em meados do século XIX, a “era Meiji, conhecida no Ocidente como o momento no qual ocorreu a reabertura do país após mais de dois séculos de isolamento, é, sobretudo, uma fase de reestruturação profunda, na qual o país buscou modernizar-se tendo como modelo os países que ele identificava então como os mais desenvolvidos: Inglaterra, França e Estados Unidos” (Ribeiro JR., 2017, p. 121).

2008, p. 63) ou um contacto linguístico, desde logo presente no topónimo “Japão” (do malaia *Japún* ou *Japáng*)⁶, usado por europeus. Além do registo deste encontro em relações, crónicas e cartas⁷, são também abundantes, nos dois primeiros séculos de missão (séculos XVI-XVII), impressos e manuscritos gramaticais e lexicográficos que resultaram da situação de contacto linguístico, já que uma “especie de Colopino” e uma arte da língua japonesa (Cooper, 1994, p. 225) estavam na linha da frente das preocupações de missionários e humanistas.

Recorde-se apenas o nome paradigmático do jesuíta português Luís Fróis (1532-1597), que, na sua *História de Japam* (1584-1594), associa o nome de um missionário espanhol (João Fernandez, 1526-1567) às primeiras publicações conhecidas de língua japonesa:

(...) começou o Padre a fazer com o irmão João Fernandes huma traça da primeira arte que se fez em Japão, ordenando suas conjugações e sintaxis, e hum pedaço de vocabulário, mas como ainda era novo na terra e tinha tão pouca noticia da lingua, não foi mais do que uma previa despozissão, que depois podesse dar luz à Arte e vocabulário, que se fez dahi a perto de vinte annos (Fróis, 1076-1978, p. I, 356).

Não é certo quais fossem “a Arte e vocabulário”, embora se possa deduzir tratar-se do bem conhecido *Dictionarium latino lusitanicum ac iaponicum* (Amacusa, 1595) (cf. Buescu, 1994; Verdelho, 1995) e da gramática japonesa de Manuel Álvares, *De institutione grammatica libri tres. Coniugationibus accessit interpretativo Iaponica* (Amacusa, 1594) com um título ampliado da sua gramática latina (cf. Maruyama, 2004; Assunção; Toyoshima, 2018). Todas estas obras metalinguísticas têm um valor inestimável nos vários campos dos estudos da língua japonesa, visto que as primeiras representações fonéticas da língua japonesa numa língua ocidental apareceram nestes dicionários e gramáticas escritos e compilados por missionários jesuítas, quem primeiro estabeleceu a ponte entre Portugal e o Japão. São obras já recensadas a partir das fontes precursoras de Machado (1965-1967), Freitas (1904-1905), Lopes (1969) e Cardoso (1994) e, na sua maior parte estudadas pela historiografia linguística mais recente (Zwartjes, 2011), com base nos trabalhos pioneiros de Buescu (1992), Verdelho (1995), Maruyama (1996), Barron e Maruyama (1999).

Nas divagações linguísticas de Wenceslau de Moraes, não é claro, porém, o respaldo desta importante produção gramatical e lexicográfica bilingue/trilingue dos

⁶ A propósito de “Japão, japão, japões, japo, japo, japonês, (a)japonesar”, refere Gonçalves Viana (1906, p. II, 23): “A forma, pela qual o nome da grande nação asiática é conhecido na Europa, foi difundida pelos portugueses nos séculos XVI e XVII, época em que ali exerceram comércio e tiveram alguma preponderância”.

⁷ São bem conhecidos os dois volumes de *Cartas que os Padres e Irmãos da Companhia de Jesus escreverão dos Reynos de Iapão & China aos da mesma Companhia da India, & Europa des do anno de 1549 até o de 1580* (1997) [1598] e os muitos testemunhos sobre a “lingoa de Iapão”.

séculos XVI-XVII, eventualmente em virtude da sua posição crítica em relação à ação missionária portuguesa no Oriente⁸. O autor fica-se por referências a “cartas e chronicas dos padres jesuitas d’aquelles tempos e outros escriptos de auctores catholicos, contemporaneos” (1924, p. 137) e por “simples notas avultas” (1973, p. 142) sobre a historiografia das relações entre portugueses e japoneses na era quinhentista. Mais importante no caso é a citação, nas suas *Cartas do Japão* (s.d., I, p. 11, 130), dos dois distintos bibliógrafos do japonês, Léon Pagés (1814-1886) e Friedrich von Wenckstern (1859-1914), ambos bem conhecedores daquela historiografia linguística portuguesa⁹.

Interessado sobretudo no universo literário, no relato de viagem e na crónica histórica, o autor português dedica o seu *Dai-Nippon (o grande Japão)* (1897) “[à] memória dos viajantes portugueses do século XVI”, como Fernão Mendes Pinto, embora se distancie de propósitos de descrição linguística. Mais do que um discurso gramatical, a abordagem da língua está ligada sobretudo à matéria narrativa, a que o autor associa “noções geraes da historia nipponica, de caracter japonez, da lingua-gem d’este povo, da sua literatura, da sua arte” (Moraes, s.d., I, p. 131). Na verdade, enquanto a relação dialética entre linguagem e mundo faz parte do processo criativo do autor, a língua, no seu sentido mais restrito de instrumento técnico de comunicação, é tópico frequentemente destacado de forma retórica, seja através da interpelação ao leitor, ou da força diretiva do imperativo, como em (i) e (ii), respetivamente:

- i. Nós não iremos, nem o leitor nem eu, estudar a sério a gramática japonesa; os deuses nos livrarão de tal enfado. Apresentarei aqui, muito de leve, apenas alguns preceitos da língua, que virão servir o meu propósito, e deixarei o resto em paz (Moraes, 2015, p. 69).
- ii. Entremos francamente na gramática (Moraes, 2015, p. 77).
Mas fallemos da grammatica (Moraes, s.d., I, p. 43).

No quadro destas formas de particularização de matérias de língua, sobressai também a *Grammaire japonaise. Langue parlée* (1899), de Jean Cyprien Balet, cujo capítulo II sobre o sujeito gramatical e lógico (Balet, 1899, p. 290-291) é parcialmente

⁸ Várias páginas da obra *Relance da Historia do Japão* são ilustrativas desta atitude. Veja-se, por exemplo: “A obra missionaria dos padres portuguezes no Japão foi uma calamidade, por qualquer ponto que se encare; (...) que ganhámos nós, portuguezes, das nossas relações com o Japão, mantidas durante noventa e sete annos? Macau ganhou muito em actividades mercantis. Mais nada. Que perdemos? Muito. Perdemos o nosso prestigio; perdemos muitas vidas dos nossos nacionaes, que poderiam ter-se exercido utilmente por outra forma; avincámos repugnancias raciaes, innatas, dos japonezes para comnosco e em geral para com a raça branca” (Moraes, 1924, p. 134-135).

⁹ Luís Fróis, João Rodrigues, Manuel Álvares, Fernão Mendes Pinto, Manuel de Faria e Sousa, vários dicionários/vocabulários de português/japonês (e latim) são alguns dos nomes e obras citados quer na *Bibliographie japonaise ou Catalogue des ouvrages relatifs au Japon qui ont été publiés depuis le XV^e siècle jusqu’à nos jours* (1859), de Léon Pagés, quer na *Bibliography of the Japanese empire: being a classified list of all books, essays and maps in European languages relating to Dai Nihon (Great Japan) published in Europe, America, and in the East from 1859-93 A.D.* (1895), de Friedrich von Wenckstern.

traduzido em *Relance da Alma Japonesa* (2015, p. 81-82): “Quanto ao sujeito da oração, é instrutivo o que expõe um autor francês, o Sr. Cyprien Balet, na sua excelente gramática japonesa (...). E basta sobre o assunto”. A força ilocutória exclamativa da interjeição “basta” suspende a citação e a matéria sintática, que não constitui um dos tópicos centrais da abordagem gramatical de Wenceslau de Moraes. Em todo o caso, a sua contribuição para o estudo das relações linguísticas luso-nipónicas foi já assinalada pelo filólogo Peixoto da Fonseca (1992, p. 174).

Relações linguísticas entre Portugal e o Japão: revisitando Wenceslau de Moraes

Wenceslau de Moraes já foi considerado “um intérprete português do Japão” (Janeiro, 1966), país que é matéria de análise ficcional em articulação com a vida do escritor. Feldmann (1993, p. 221), por exemplo, destaca a dinâmica do testemunho e da experiência pessoal de Wenceslau de Moraes como tendência autorrepresentativa, já que o autor é personagem intratextual: “As três personagens da sua obra literária são ele mesmo, porém idealizado, mitificado; o Japão, igualmente mitificado (...) e, paradoxalmente, Portugal”. Laborinho (2004, p. 18) partilha igualmente da conceção de “um estilo impressionista que faz ressurgir a emoção do observador”.

Recorde-se quem foi Wenceslau de Moraes. A sua biografia e as vertentes de escritor, diplomata, militar, professor estão estudadas, nomeadamente em trabalhos de Janeiro (1966), Laborinho (2004), em vários artigos de Barreiros (2007) e em trabalhos académicos desenvolvidos nas áreas da história, e da língua e cultura portuguesas¹⁰. Percursos da sua vida e quadros do seu universo literário foram matéria de recriações cinematográficas – *A Ilha dos Amores* (1982) e *A Ilha de Moraes* (1984), ambas do cineasta Paulo Rocha – e também de produções artísticas, a exemplo de vários monumentos em Kobe e Tokushima em sua homenagem, além de um museu dedicado ao escritor em Tokushima; mais recentemente, realizaram-se ao longo de 2004 as comemorações dos 150 anos de Wenceslau de Moraes, com publicações como a de Barreiros (2007).

Quanto à obra, ler Wenceslau de Moraes traz à lembrança vários problemas filosóficos tradicionais sobre a relação entre linguagem e pensamento. Esta relação, reavaliada a partir do século XVIII com o contributo dos pontos de vista da linguística, da psicologia e da ciência cognitiva, passa a constituir uma tríade, uma vez incluída na equação das conexões entre linguagem e pensamento a dimensão das práticas sociais e culturais. Ao nível da filosofia da linguagem, a dimensão social corresponde às convenções linguísticas que vigoram numa sociedade, estudadas por

¹⁰ Nomeadamente, dissertações de Mestrado em: Língua e Cultura Portuguesa (Aboim, 2011), Ensino do Português como Língua Segunda ou Estrangeira (Capitão, 2012), História (Coelho, 2016), Estudos Interculturais Português/Chinês (Mendes, 2017), Estudos Lusófonos (Sousa, 2021).

Searle e Levinson no âmbito da pragmática. A matéria tem pertinência no conjunto da obra de Wenceslau de Moraes e, mais especificamente, nas reflexões desenvolvidas em torno da linguagem e da língua japonesa. Por um lado, estas reflexões estão claramente comprometidas com a ideia de que existe uma ligação necessária entre linguagem e pensamento, o que transparece em afirmações do tipo “[e]studar a linguagem de um povo é colher de surpresa os elementos mais preciosos para julgar da sua alma, isto é, da sua maneira de ver e de sentir, do seu carácter enfim” (2015, p. 67). Por outro lado, parece igualmente detetar-se a ideia de que a língua reflete o pensamento tendo em conta variáveis culturais. Os estudos de filologia comparativa tiveram aqui um papel; como afirma o autor (1907, p. 239), “resultando da comparação das línguas revelações ethnographicas do mais subido alcance, que a outros meios de analyse se mostravam refractarias”. Assim se compreende o entendimento de que, ao contrário das línguas (indo)européias, “a língua japonesa, pura, despida de mestiçagens que implicariam confusão, oferece ao europeu maravilhosas revelações com respeito à alma nipónica” (2015, p. 69) ou que “o simples estudo de uma só língua, acompanhando-o da feição psychica do povo que a pratica, já nos oferece curiosas descobertas, que vêm confirmar e reforçar, em regra, as ideias que tínhamos de um tal povo” (1907, p. 239).

A maneira como o povo nipónico pensa e age acaba por influenciar a sua língua. O facto de o japonês ser uma língua aglutinante, em que cada carácter é uma sílaba ou mora e tem também um valor visual, leva Moraes a acreditar, de forma impressionista, que o japonês é língua mais requintada do que a portuguesa; e, além disso, mais rica (s.d., I, p. 222-223):

Considerando agora o caso particular das fórmulas vagas, complexas, indecisas – nuvens, fumo, ramarias, etc., – parece que a linguagem japonesa é mais rica do que a nossa para podê-las definir. Sendo aglutinante, isto é, reunindo-se muitas palavras simples, representativas de ideias simples, para formarem uma só palavra, representativa de ideias compostas, compreende-se como o vocabulo nipponico seja, como quem diz, um ramallete – ramalhetede ideias, em vez de ser de flôres; condensando-se na unidade vocal uma multiplicidade de attributos, que pôdem mesmo ser contradictorios.

A comparação estende-se à “elegância da escrita japonesa”, às “particularidades de traços que falam eloquentemente por si, agudezas de linhas que ferem, vírgulas que saltam, curvas ondulantes que amam” (1897, p. 61). Cerca de três séculos antes, já o padre Lourenço Mexia (1539-1599), companheiro do Visitador Alexandre Valignano, S. J. (1539-1606), divulgava pela Europa a gravidade e a copiosidade da língua japonesa, a diferença entre linguagem escrita e falada, o rígido sistema gramatical

da polidez e a pragmática social da cortesia, os dois alfabetos *katakana* e *hiragana*, e os caracteres chineses *kanji* adotados¹¹.

O discurso de Wenceslau de Moraes em torno da língua é composto por vários núcleos: gramática, léxico, valores fonéticos, onomástica, pragmática da cortesia, objetos sonoros das onomatopeias, paremiologia, tudo quase sempre apresentado numa perspectiva comparativa de línguas orientais/línguas ocidentais e baseado no cruzamento de diferentes horizontes culturais. É, por outro lado, mediado por traços da ideologia da escola romântica, expressa em descrições subjetivas, emotivas, e ligadas a impressões íntimas e a juízos de valor. Estes predicados são transversais a todas as matérias de língua que o autor percorre, a começar na própria definição de gramática japonesa, onde a classificação metalinguística de vocábulos (substantivos, adjetivos, advérbios, verbos, posposições) é acompanhada por uma metáfora de níveis de cortesia e codificações sociais (2015, p. 85):

A gramática nipónica faz-nos lembrar uma corte atarefada, meticulosa, na qual os cortesões em chusma – substantivos, adjetivos, advérbios, verbos, posposições e tudo o resto – palpitam, redopiam incessantemente em medidas, em cortesias, em requiebreos, em reverências, seguindo regras de precedência da mais complicada pragmática imaginável, ou antes inimaginável...

Longe de uma posição objetiva e neutra, estas descrições comportam uma visão subjetiva, pessoal e impressionista, admitida pelo próprio autor quando afirma que “o que se quer principalmente é registrar impressões sob todos os pretextos” (2015, p. 73). Ilustre-se ainda o mesmo olhar sobre outras matérias da língua:

- A nível lexical, a fórmula de despedida *sayônara* suscita-lhe (s.d., II, p. 65) um comentário intuitivo e impressionista:

(...) o ocidental encontra nas dōces despedidas japonezas, terminadas invariavelmente pela palavra *Sayônara*, um quê de mystico saber a coisa santa, de prece feita aos deuses;

¹¹ Para melhor ilustrar estas temáticas, veja-se um excerto da conhecida carta do padre Lourenço Mexia, escrita de Amacau, em 6 de janeiro de 1584 e publicada em *Cartas que os Padres e Irmãos da Companhia de Jesus escreverão dos Reynos de Iapão & China aos da mesma Companhia da India, & Europa des do anno de 1549 até o de 1580* (1997, p. II, 123r): “A lingoa he a mais grave, & copiosa q̄creo ha, porq̄ em muitas cousas excede a grega, & latina, tẽ infinidade de vocabulos, & modos pera declarar a mesma cousa (...). Tem outra cousa creio (q̄creo se não acha em nenhũa lingoa) q̄se aprende a Reithorica, & boa criação cõ ella. Não pode ninguem saber Iapão, q̄ não saiba logo como ha de falar aos grandes, & aos pequenos, altos & baixos, & o decoro q̄se ha de guardar cõ todos, & tẽ particulares verbos, & nomes, & modos de falar pera hũs, e outros. (...) A lingoagẽ da escritura he mui diferente da pratica & assi hũa, como a outra he mui varia, e abũdantemente & cõ ser taõ abundate em poucas palavras cõprendẽ muito. A letra he cousa infinita, nem se acha pessoa q̄a saiba toda, porq̄ tẽ duas maneiras de A b c, & cada hũ de mais de corenta letras, e cada letra tẽ muitas figuras: & alem disto tẽ letra de figuras como os Chins, q̄he cousa q̄nũca se acaba de aprender. (...). Tẽ no escrever muito engenho, & artificio porque o q̄ não se pode explicar na lingoa se declara na letra”.

- Afirmações a propósito de sons da fala ficam sem explicações: (1924, p. 29):

(...) a lingua japoneza sôa agradavelmente ao nosso ouvido de portuguezes, de hespanhoes, de francezes, de italianos, n'uma palavra: – de latinos.

- Traços da morfologia dos pronomes pessoais desencadeiam considerações sobre a “impersonalidade humana” (1924, p. 42), que, em diversos momentos da obra de Wenceslau de Moraes, é apresentada como essência da alma japonesa e sinal de despojamento interior:

Na linguagem japoneza e, muito mais estranho ainda, no conjunto grandioso do inteiro palpitar da vida, representado pelos phenomenos naturaes, a individualidade do japonez dissolve-se, dilue-se, desaparece; o japonez sente-se não participante no drama mundial, perde a consciência de si próprio.

- Na poesia japonesa, cantigas populares são associadas a arrolos do cancionero infantil português por afinidades temperamentais e ecológicas (s.d., I, p. 248):

Todos os povos se parecem, se comparados pelas suas emotividades primitivas; e mais ainda se pronuncia a similhaça, quando se dão affinidades de clima, brilhos identicos de sol, as mesmas quenturas por mezes estivaes, amenidades communs na paisagem, como o caso para Portugal e o Japão.

- Sobre a riqueza da língua japonesa em onomatopeias, a descrição do autor foca exclusivamente a componente afetiva, sem qualquer identificação de características fonéticas e silábicas (2015, p. 71):

A onomatopeia representa a linguagem na sua infância, quando os termos ainda faltavam e se imitavam os sons que as coisas produziam em determinadas circunstâncias (...). O povo japonês, posto que muito progressivo, apraz-se em velharias, em tradições, aqui representadas no grito rouco em que se expressavam seus avós. Deve também entrar em conta o naturalismo pitoresco da onomatopeia; e os japoneses são, como é sabido, os mais apaixonados naturalistas deste mundo.

Passa-se a matérias de língua tratadas por Wenceslau de Moraes.

Aspetos de morfologia

A natureza aglutinante do japonês é várias vezes referida por Wenceslau de Moraes (s.d., II, p. 65-66; 2015, p. 69), que exemplifica esta tipologia morfológica com a segmentação dos morfemas de duas palavras: *Ki-no-docu* (“espírito”-genitivo-“veneno” = veneno do espírito); *Ai-no-ko* (“amor”-genitivo-“filho” = filho de amor). Este é um dos pontos a que o autor recorre para distinguir o japonês do português e de

outras línguas flexionais do Ocidente: “constituindo-se a maioria das palavras pela junção, a raízes invariáveis, de certas particulas insípidas, insignificativas, as quaes, por convenção, lhes graduam o sentido” (s.d., II, p. 66). São então indicadas, por contraste, tais “partículas”, que não correspondem a categorias formais no japonês.

Verbos, substantivos, adjetivos, conjunções, advérbios são designações gramaticais com que se depara o leitor de Wenceslau de Moraes, sem que, porém, tal nomenclatura puramente classificatória se reduza a um papel meramente instrumental, que parece ultrapassado por uma visão oposta à perspectiva conservadora de uma gramática normativa e prescritiva. Depois de algumas linhas críticas sobre a prática escolar de uma “enfadonha sciencia”, o autor valoriza a criatividade da linguagem em termos de imaginação, originalidade e efeito disruptivo (s.d., I, p. 43):

Estava eu então bem longe de suppôr quantas belezas encerra a grammatica de um povo; e mal pensava que, tomando para thema a grammatica japoneza, ainda um dia havia de rabiscar algumas linhas com pretensões a sentimentaes e a humorísticas...

Do ponto de vista descritivo, as asserções são algo anárquicas e repetidas em razão das relações constantes entre regras gramaticais e conceitos filosóficos. Nestes termos, substantivos e adjetivos são invariáveis, dada a ausência de marcação generalizada de número e de género (masculino, feminino e neutro) nos elementos nominais, circunstância que “deriva fatalmente da impersonalidade na linguagem; onde pouco conta o individuo, menos deve contar o género, isto é, o sexo” (s.d., I, p. 45). Na categoria do mundo animal – “cavalo fêmea, gato macho, raposa macho” (2015, p. 77) –, a oposição de “macho”/“fêmea” é estratégia analítica concorrente para expressar as distinções de género, tal como ocorre em diversas línguas crioulas. A categoria do artigo é desconhecida, a “quase ausencia dos pronomes pessoais e também dos pronomes e dos adjectivos possessivos” é consequência de “um povo que individualmente se ignora” e a inexistência de uma classe de pronomes pessoais tal como concebida na gramática ocidental torna o verbo invariável na categoria morfológica de pessoa (s.d., I, p. 43-44):

Da ausencia de pessoas, resulta a impersonalidade dos verbos, que só variam nos tempos E digamos: a estranha circumstancia de haver um povo que individualmente se ignora está bem em harmonia com a imensa coragem, com o desamor á vida, com a facilidade no sacrificio, de que um tal povo tem dado tantas provas.

De novo, as interseções linguístico-culturais, sendo as particularidades gramaticais apresentadas como reflexo de uma cosmovisão particular. Recorrendo a uma fonte gramatical da época, a descrição linguística do fenómeno pode ler-se em Balet (1899, p. 98):

Si l'on excepte un ou deux mots traduisant le pronom de la première personne, on peut dire qu'il n'y a pas de vrais pronoms personnels en japonais. Les noms qui les remplacent expriment en général ou une qualité vile s'il s'agit de soi, noble s'il s'agit de supérieurs, ou encore une position, éloignée s'il s'agit de supérieurs, rapprochée s'il s'agit d'inférieurs. Si l'on voulait en chercher la raison, peut-être pourrait-on dire qu'au Japon la notion de personne a toujours été très vague et très superficielle ; tellement vague que le mot n'existe pas et qu'on est obligé pour traduire le mot personne de prendre un mot chinois qui signifie *qualité, rang*.

Wenceslau de Moraes aborda ainda especificidades do uso do imperativo, ligadas a formas de atenuação do seu valor deôntico de obrigação (s.d., I, p. 44). Note-se que, neste mesmo contexto linguístico, Balet remete o leitor para “toutes les nuances de la demande et du commandement” do capítulo do complexo sistema dos honoríficos japoneses (1899, p. 224), a que Wenceslau de Moraes se refere noutras obras (1907, p. 242-244, por exemplo)¹².

Em capítulo de “Synthese dos aspectos” apresentados em *Relance da Alma Japonesa*, Wenceslau de Moraes resume a matéria gramatical tratada na obra (2015, p. 211):

Na gramática japonesa, não há artigos; os substantivos e adjetivos são invariáveis, independentes de género e de número; quase que não há pronomes pessoais; os tempos dos verbos são invariáveis, independentes de pessoas; não há sujeito gramatical na oração; de sorte que os fenómenos passam-se como que num mundo sem espectadores, sem testemunhas dos fatos, visto que os indivíduos se eliminam propositadamente da cena; estranha coisa, que leva à compreensão da impersonalidade japonesa.

Aspetos de sintaxe

Não são muitas as anotações sintáticas de Wenceslau de Moraes, que apresenta as “leis fundamentais da sintaxe japonesa” da seguinte forma resumida e por esta ordem (2015, p. 79):

- a. Qualificativos / determinantes precedem o núcleo determinado; assim, o adjetivo precede o substantivo, o advérbio precede o verbo e as orações dependentes precedem a principal.
- b. Não há preposições, mas posposições.
- c. O verbo vem normalmente no fim da frase.
- d. Não existe sujeito gramatical.

¹² Sobre o assunto em gramáticas japonesas do século XVII, veja-se Fernandes e Assunção (2018).

A inexistência de um sujeito gramatical é talvez a estrutura mais contrastiva dos paradigmas de, por um lado, um sujeito gramatical com propriedades formais (a concordância com o verbo) e, por outro, um sujeito lógico, não necessariamente formal, mas portador de propriedades semânticas. Wenceslau de Moraes passa a responsabilidade da explicação da ocorrência do sujeito lógico para Cyprien Balet, traduzindo um longo passo do capítulo “Du Sujet” da sua gramática (1899, p. 290-294)¹³:

(...) le sujet en japonais ne pouvait se concevoir que comme un être duquel l'on affirme ou l'on nie que tel fait, telle action ou passion ayant lieu, ayant eu lieu ou devant avoir lieu sont de lui, lui appartiennent. Voilà pourquoi, logiquement parlant, il ne pouvait être relié au verbe que sous la forme du génitif par l'une des postpositions *ga* ou *no* qui servent à marquer la possession ou la dépendance.

Nas construções em que o sujeito é seguido de posposição, a frase tem o valor de sintagma em genitivo, podendo manter a forma de proposição. Vejam-se os seguintes exemplos retirados de Balet (1899, p. 293):

- *Ame ga furimashō, le tomber de la pluie* (aura lieu), c.-à-d. il pleuvra.
- *Ki ga tsukanakatta, le appliquer de l'esprit* (n'a pas eu lieu), c.-à-d. je n'y ai pas fait attention.

Posposições e regras de precedência do determinante em relação ao determinado são as matérias que maior atenção suscitam a Wenceslau de Moraes. A regra da precedência é interpretada como fenómeno de cortesia, tido o qualificativo por elemento “mais importante do que o qualificado” (Moraes, 2015, p. 79), que não é senão uma extensão das circunstâncias que o classificam. A regra aplica-se a várias relações da sintaxe de dependência – adjetivo e nome, advérbio e verbo, oração subordinada e oração principal –, em função do que o autor conclui (2015, p. 79):

Tal conceção da mentalidade japonesa é sempre rigorosamente observada na língua, falada ou escrita, tornando-se em via de regra de difícilíssima compreensão para o europeu, levando este à conclusão final de que o nipónico não só fala mas pensa de uma maneira muito diferente de nós mesmos.

Na verdade, tais relações de dependência não seriam estranhas para portugueses, nem o modelo da sequência *regência + posposição* constituía novidade relativamente ao

¹³ Cita-se um excerto pela *Grammaire Japonaise*, de Balet (1899, p. 291).

que gramáticos seiscentistas já haviam detetado no japonês e noutras outras línguas diferentes do paradigma indo-europeu. Recorrendo ao mesmo critério etimológico que servira para explicar o uso da preposição antes da sua regência, o Padre João Rodrigues (1993, p. 58r) definiu a natureza da posposição pela sua relação com um objeto preposto: “Nam tem preposiçoens, mas em seu lugar vsam de posposições, por que se pospõem aos nomes, & em seu significado respondem ás nossas preposiçoens”. De todo o conjunto de regras apresentadas, resulta o seguinte exemplo de Wenceslau de Moraes que parece forjado para o caso: a frase portuguesa “Vi na rua o chapéu da criança” seria equivalente ao japonês “Rua em criança de chapéu vi”, onde “as palavras são as mesmas, as posposições ocupam o seu devido lugar e a frase em geral sofre notáveis alterações, devido à regra de precedências” (Moraes, 2015, p. 79-81).

Aspetos lexicais

Num dos primeiros livros, *Dai-Nippon* (1897), Wenceslau de Moraes sintetiza a matéria a que voltará depois de forma recorrente noutras obras, que é a influência portuguesa no léxico japonês e o fenómeno inverso das palavras portuguesas de origem japonesa (Moraes, 1897, p. 36):

Na linguagem ficou uma multidão de palavras portuguesas, hoje inteiramente nacionalizadas; imagine-se a agradável surpresa de um portuguez, quando escuta esses vocábulos patricios, proferidos tão longe da sua terra. Ouçam: o japonez diz *tabaco*, como nós dizemos, e parece certo que fomos nós que lhe levámos a planta e o uso d’ella; diz *bidro* (algun minhoto lhe ensinou o termo), e foram os portuguezes que lhe trouxeram os primeiros objectos de vidro; diz *copo*, como nós; diz *catana*, como synonymo de *espada*; diz *batera*, por *bateira*; diz *confeto*, por *confeito*; diz *pan*, por *pão*; e a lista é numerosa. Por outro lado, eis a palavra *kaya*, genuinamente japoneza, de *ka* (mosquito) e de *ya* (recinto), usada em Macau por *mosquiteiro*; dizemos *biombo*, que vem certamente de *biôbo*, termo japonez com significação idêntica.

O assunto é conhecido no quadro de vários estudos linguístico-filológicos de autores nacionais e estrangeiros (Gonçalves Viana, 1906; Dalgado, 1913; Lopes, 1969; Kim, 1976; Fonseca, 1992; Maruyama, 2003; Cardoso, 2016)¹⁴. Como se sabe, trata-se de uma história datada do século XVI: influências lexicais recíprocas desencadeadas por relações entre os dois países desde os séculos XVI-XVII, cujas consequências se mantiveram, no território nipónico, dois séculos depois da expulsão dos jesuítas, provavelmente devido ao grau de receptividade do japonês à importação

¹⁴ O estudo de Adolfo Coelho (1882, p. 451-478) sobre empréstimos lexicais do português em línguas do Oriente refere o cingalês, tâmil, concani, entre outras línguas, mas não o caso japonês.

lexical¹⁵. Na linguística japonesa, o fenómeno é conhecido pelo nome de *gairaigo*, “literally, coming-from-abroad words” (Otake, 2008, p. 87), ou palavras que constituem empréstimos linguísticos. Wenceslau de Moraes descreve o fenómeno (1905, p. 369):

(...) introdução na língua japoneza de muitos termos portuguezes, pela maior parte ainda de uso corrente; claro está que taes termos soffreram modificações varias, derivadas principalmente da accommodação que se lhes deu ao syllabario indigena, não muito rico em tonalidade.

Termos religiosos, relacionados com a atividade missionária dos jesuítas e palavras quotidianas, da área da cultura material, que sobreviveram até hoje, constituíram as duas áreas mais fortemente influenciadas por empréstimos lexicais. Segundo Dalgado (1913, p. 225), o japonês tinha 93 empréstimos portugueses identificados (dos quais 12 admite serem duvidosos), entre os quais: *abóbora*, *anjo*, *baptismo*, *biscoito*, *calção*, *câmara*, *carta*, *comprador*, *escrivão*, *Padre*, *pistola*. Dados de estudos posteriores atualizaram este elenco, graças a novas informações etimológicas e mostraram a influência da cultura norte-americana na substituição de palavras de origem portuguesa e holandesa por anglicismos.

Indica-se, a seguir, o elenco de empréstimos lexicais do português e do japonês que Wenceslau de Moraes identifica nas obras *Os Serões no Japão* (1973[1926], p. 150-152) e *Cartas do Japão II. Um ano de guerra (1904-1905)* (1905, p. 371-372):

- Empréstimos lexicais do português no japonês

Termos religiosos:

Kirisutu (Cristo); *Yaso* (Jesus); *Kirisutam* / *Kirisuto* (cristão / Christo); *Bateren* (padre); *Kontasu* (contas, rosario); *Anima* (anima, alma)

Nomes de coisas:

botan (botão); *birôdo* (veludo); *bôto* (bote); *bidôro* (vidro); *koppu* (copo); *mantêru* (mantéu); *kappa* (capa); *mantô* (manto), *pan* (pão); *shabon* (sabão); *kompeitô* (confeito); *saberu* (sabre); *tempura* (de “tempero” / fritura); *tabako* (tabaco); *karuta* (cartas, cartas de jogar); *battera* (batel)

- Palavras portuguesas de origem japonesa
biombo (biôbu); *catana* (Katana); *chávena* (cháwan)

¹⁵ Miller (1967, p. 236) foca esta recetividade do japonês a empréstimos linguísticos, ao contrário do registado no chinês, por exemplo: “It would be difficult to find another language in the world – excepting perhaps English during the first few centuries after the Norman invasion – which has been as hospitable to loanwords as has Japanese. At all times in their history the Japanese have heavily introduced new vocabulary items into their own lexical stock, where great numbers of them have remained as permanent evidence for many Japan’s contacts with the always remote outside world”.

Aspetos de onomástica

Wenceslau de Moraes, ao registar nas *Cartas do Japão* (s.d., II, p. 153-158), quer características de atribuição do nome próprio, feminino e masculino, quer a proveniência da categoria dos apelidos, apresenta um breve quadro da normativa do nome japonês, definido por comparação com o de outras línguas. Enquanto em Portugal, um dos países usados para contraste, se vivia em 1928, segundo Leite de Vasconcellos, “muita liberdade na escolha do apelido: cada pessoa toma, por assim dizer, o apelido que lhe parece, de que gosta, ou que lhe convém” (1928, p. 327), a prática da onomástica japonesa, designadamente no que respeita aos “appellidos de família”, “nomes das japonezas” e os “nomes dos rapazes” corresponde a um guião cultural. Embora sujeito a variações no tempo e no espaço, o processo de atribuição do nome que o linguista japonês Hiroshi Hino (1992) descreve para o século XVI, a partir da gramática do Padre João Rodrigues Tçuzu (1561-1633), *Arte Breve da Lingoa Japoa* (Macau, 1620), parece precursor do quadro geral apresentado por Wenceslau de Moraes, essencialmente ideológico, expressão e reflexo de traços culturais. Aliás, em matéria de nome próprio, já foi assinalado o seu “valor semiótico”, “natureza cognitiva”, “dimensão sociolingüística” e “relación con factores extralingüísticos” (Fernández Leborans, 1999, p. 79). As práticas de atribuição de nome evidenciam interseções linguístico-culturais, refletem influência de antropónimos portugueses, inscrevem-se numa perspetiva histórica, com determinada moldura legislativa, e variam de língua para língua, além de variarem também dentro de uma língua ao nível diafásico (Castro, 2017, p. 283). O sistema antroponímico de Wenceslau de Moraes, assente basicamente num nome composto por dois elementos, permite extrair as seguintes três ideias-chave ligadas entre si:

- A impessoalidade ou a negação do ego como entidade independente do campo dos fenómenos e da coletividade, característica de diversas manifestações da vida japonesa, presente desde logo na estrutura da língua.

No contexto da onomástica quinhentista, Hino (1992, p. 163) chamou a atenção para este despojamento da individualidade quando afirmou que “[n]o Japão desde antigamente não havia o costume de chamar pessoas pelos seus nomes próprios”. O conceito de impessoalidade, caro à doutrina budista, imprime-se na formação do nome próprio de ambos os sexos, tal como descreve Wenceslau de Moraes (s.d., II, p. 154):

(...) a curiosa circunstancia de que o individuo, no Japão, pouco conta como parcela social, sendo a familia que mais conta. ¶ O individuo vale tão pouco, que o seu nome, o seu distinctivo por excellencia, é muitas vezes substituido por outro nome qualquer, a capricho de outro individuo, seu superior em hierarchia.

- Recorre-se ainda a Hino (1992, p. 165) e à *Arte Breve da Lingoa Japoa* (1620) para referenciar o processo de “nomear os filhos por ordem de nascimento”, segundo o modelo *o primeiro filho, o segundo filho, etc.*

Ora, a leitura de Wenceslau de Moraes (s.d., II, p. 155) mostra que a escolha do nome próprio tem por base vários fatores, mas um dos mais comuns é precisamente a ordem de nascimento, procedimento que anula o nome como elemento de identificação do indivíduo. De novo, é uma individualidade que desaparece:

(...) o nome proprio é formado por um termo, representado uma coisa ou uma ideia, junto a uma das particulas *ichirô* ou *tarô* (1.º rapaz), *jirô* (2.º rapaz), *saburô* (3.º rapaz), etc. Dou exemplos: *Yoskitarô* (o bom 1.º rapaz), *Otojirô* (o jovem 2.º rapaz), *Takesaburô* (bambu, o 3.º rapaz). Ainda com mais frequencia, suprime-se o qualificativo, ficando o nome constituído só pelo termo numeral, como *Gorô* (o 5.º rapaz).

- Destacam-se ainda as designações de caráter geográfico para os apelidos, cuja sintaxe segue a ordem inversa da portuguesa (Moraes, s.d., II, p. 157-158): Muitos dos apelidos japonezes (...) correspondem a nomes de cidades, de aldeias do paiz. Em todo o caso, são, em geral, o que podemos chamar termos essencialmente pitorescos, topográficos, indicadores de um lugar.

Os japonezes antepõem ao nome proprio o apelido de familia (...). Este modo de construcção encontra similhaças em algumas nações occidentaes (...). Nós, portuguezes, dizemos – José Fernandes; – melhor diríamos – Fernandes José (dos Fernandes o José) – o individuo é, geralmente, conhecido mais pelos seus que por si proprio; dar preferencia a si, é orgulho, é desrespeito pelos paes, pelos avós.

Para terminar, note-se ainda a influência da antroponímia portuguesa em nomes cristãos que, adotados por batismo, substituíam o nome próprio japonês no trato familiar e íntimo. Assim, *Paoro* (de “Paulo”), *Domingo* (de “Domingos”), *Rorenzo* (de “Lourenço”), *Mikeru* (de “Miguel”), *Iwana* (de “Joana”), *Izaberina* (de “Isabelinha”) são prenomes de origem portuguesa nativizados e adaptados fonológica e morfológicamente, que Wenceslau de Moraes atesta por influência do cristianismo (Moraes, 1973, p. 146).

Aspetos de paremiologia

Wenceslau de Moraes apresenta em várias obras¹⁶ algumas dezenas de provérbios japoneses – máximas, conceitos ou aforismos (as designações variam para a mesma categoria proverbial) –, todos eles traduzidos e alguns interpretados (literal e figuradamente), comentados e por vezes adaptados a correspondentes portugueses e ingleses, segundo o modelo:

(Iya, iya, san bai) “Não quer, não quer... mas esvazia três copos.” – Assim se dá, frequentemente, com certos amadores da boa pinga, e ainda outras circunstâncias. O provérbio corresponde de certo modo ao nosso “Quem desdenha quer comprar.”

(Rui wo motte atsumaru) “A semelhança reúne entre si as coisas.” – Vereis as borboletas com as borboletas, os camelos com os camelos, os poetas com os poetas, os marujos com os marujos. Os ingleses têm um rifão que exprime bem a ideia: – “*Birds of a feather flock together.*”

(Yomé, tômé, kasa no uchi) “Pela escuridão da noite, a longa distância, meia oculta por um chapéu de chuva.” – Três circunstâncias em que a mulher feia pode parecer bonita. Nós temos um provérbio de certo modo equivalente: – “De noite, todos os gatos são pardos.”

Atama som yori kokoro wo soré.

(É melhor rapar á navalha o coração do que rapar á navalha a cabeça). –Padres e freiras budistas usam a cabeça rapada á navalha. O provérbio significa que ter o coração limpo de peccados vale mais do que ter a cabeça limpa de cabellos.

“Quando as pedras florescerem” (quando as gallinhas tiverem dentes).

Uns são “proverbios de origem buddhística” (Moraes, 2015, p. 56); outros, provérbios tradicionais, têm por base a tradição literária oral (a “literatura falada”, Moraes, 1905, p. 342), ligada à poesia popular, ao canto; outros ainda envolvem preceitos morais extraídos de situações casuísticas. Assim, quer na “influência dos bonzos, pacientes e metódicos filósofos” (Moraes, 1973, p. 74), isto é, na religião Budista, quer no repertório de fábulas, lendas e contos clássicos encontram-se as fontes principais de muitos dos provérbios apresentados. Há mais situações em que o provérbio é invocado. Por exemplo, o silabário japonês serve de motivação a um jogo infantil de cartas de baralhos de provérbios figurados (Moraes, 1973, p. 62) para

¹⁶ Nomeadamente, *Cartas do Japão I* (s.d.: 198-199); *Cartas do Japão II, Um ano da Guerra (1904-1905)* (1905, p. 341-346); *A Vida Japonesa* (1907, p. 244-247); *Os Serões no Japão* (1973, p. 62-75); *Relance da Alma Japonesa* (2015, p. 57-60, 188-190).

incutir valores morais ou simples normas de conduta social. Como o autor afirma (1973, p. 207), através da linguagem, estudam-se “os sentimentos e os costumes nacionais”.

Embora sem objetivos de natureza linguística, mas visando o autor apenas uma reflexão etnológica e histórica, já que “os japoneses não pensam como nós” (Moraes, 1973, p. 63), a descrição dos provérbios contempla, ainda assim, apontamentos filológicos que são normalmente explorados no campo dos estudos paremiológicos: a exposição de princípios morais e realidades sociais, inspirados em tradições religiosas, lendas, fábulas e costumes; a natureza idiomática, a concisão e estrutura metafórica; a validade universal; a pertença coletiva. Pergunta Wenceslau de Moraes (1973, p. 188) “[q]uem é o auctor da lenda ou do provérbio? Não se sabe; não é ninguém; ou antes, é toda a gente; o individuo dissolve-se na collectividade”.

Considerações finais

Percorrida a obra de Wenceslau de Moraes e o que sobre os seus vários núcleos temáticos se escreveu, pode-se concluir que se as vertentes de diplomata, cronista, jornalista e escritor são dimensões da obra do autor já conhecidas, inclusive através de produções cinematográficas, talvez a faceta de “etnógrafo que coligiu dados com interesse para a linguística”, como sugerem Prista e Albino (1996, p. xi) para alguns filólogos, seja a que mais tem ficado de remissa sempre que a ela se alude, como fez Pires (2007, p. 24). Porventura não sendo a vertente mais significativa do conjunto da sua obra, nem em extensão nem em profundidade, procurou-se no presente trabalho fazer um balanço do caminho percorrido pelo autor em matéria de língua e sobrepesar a sua contribuição para o estudo das “relações linguísticas luso-nipónicas” (Fonseca, 1992, p. 174). Mais simplesmente, intentou-se fornecer informações que, de um modo geral, não têm sido muito divulgadas.

Na verdade, a língua não constitui um tema de eleição de Wenceslau de Moraes; e a abordagem que dela faz é mais valorativa do que descritiva. Esta apreciação valorativa é muito evidente nas referências à escrita japonesa – não abordada neste trabalho por ser matéria mais conhecida –, que concilia três sistemas de escrita, nomeadamente caracteres chineses, chamados *kanji*, a par de dois alfabetos silábicos (também considerados duas versões de um só silabário) de 45 caracteres básicos mais alguns diacríticos, o *hiragana*, propriamente japonês, e o *katakana*, de influências estrangeiras. São diversos os momentos da obra de Wenceslau de Moraes alusivos à mestria dos muitos caracteres ideográficos chineses, à escrita em colunas verticais da direita para a esquerda e a uma literatura que conta com mais de uma dezena de séculos de existência. Importa referir a forma algo circular como são apresentadas algumas matérias de língua, retomadas em diversas obras, sem novos elementos descritivos, a não ser outras impressões e sensações. Tal ocorre sobretudo nas referências aos empréstimos lexicais do português no japonês, cuja lista de cerca de 25 vocábulos

é parcialmente repetida em várias obras. O mesmo se diga para as considerações sobre onomástica, sobre os “travessos aforismos” (Moraes, 1973, p. 208) e ainda sobre onomatopeias, matéria que também não se abordou neste trabalho, uma vez ligada a uma conceção da linguagem essencialmente naturalista. Especificidades da morfologia e da sintaxe do japonês são os únicos pontos apresentados de forma mais metódica, mas também mais sintética.

A obra de Wenceslau de Moraes é uma grande coletânea de pensamentos, vivências e experiências no paísnipónico, tendo como principal interesse dar a conhecer aos comerciantes portugueses algo sobre o País do Sol Nascente, para assim fomentar as trocas comerciais entre os dois países, que vinham do passado. Supletivamente, procura dar a conhecer aspetos da língua japonesa, sempre em contraste com o português, e apresentados de forma impressionista.

Referências

Fontes primárias

MORAES, Wenceslau de. *Cartas do Japão I, 2.ª Série – 1907-1908*. Lisboa: Sociedade Editora Arthur Brandão & C.^a [Prefácio de 1927], s. d.

MORAES, Wenceslau de. *Cartas do Japão II, 2.ª Série – 1909-1910*. Lisboa: Sociedade Editora Arthur Brandão & C.^a, s. d.

MORAES, Wenceslau de. *Dai-Nippon (O Grande Japão)*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1897.

MORAES, Wenceslau de. *Cartas do Japão antes da Guerra (1902-1904)*. Porto: Livraria Magalhães & Moniz, 1904.

MORAES, Wenceslau de. *Cartas do Japão II. Um ano de Guerra (1904-1905)*. Prefácio de Vicente Almeida d’Eça. Porto: Livraria Magalhães & Moniz, 1905.

MORAES, Wenceslau de. *A Vida Japonesa. Terceira serie de Cartas do Japão (1905-1906)*. Porto: Liv. Chardron, de Lello & Irmão, 1907.

MORAES, Wenceslau de. *Relance da História do Japão*. Porto: Edição de Maranus, 1924.

MORAES, Wenceslau de. *Os Serões no Japão*. Lisboa: A. M. Ferreira, 1973 [1926].

MORAES, Wenceslau de. *Relance da Alma Japonesa*. Introdução e Edição de Ariadne Nunes e Marta Pacheco Pinto. Lisboa: INCM, 2015 [1926].

Fontes secundárias

ABOIM, David Alexandre Alves. *Para uma leitura intercultural de Wenceslau de Moraes*. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura Portuguesa, Língua Estrangeira / Língua Segunda). Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2011.

ASSUNÇÃO, Carlos; TOYOSHIMA, Masayuki. The Amakusa Edition of Álvares' Grammar (1594): sources and innovation. *Onomázein, Revista de lingüística, filología y traducción*, n. 41, p. 57-77, 2018.

BALET, Cyprien. *Grammaire Japonaise. Langue parlée*. Tóquio: Librairie Sansaiha, 1899.

BARREIROS, Pedro (org.). *Evocação de Wenceslau de Moraes*. Lisboa: INCM, 2007.

BARRON, J. P.; MARUYAMA, Toru. Interpreting the Interpreter. *Nanzan Kokubun Ronsbu*, n. 23, p. 1-19, 1999. Disponível em: <https://www.joao-roiz.jp/mtoyo/Sernancelhe/Maruyama/Baron-Maruyama-interpreting-interpreter.pdf>. Acesso em dez de 2023.

BUESCU, Maria Leonor Carvalhão. O Dicionário das três línguas. In: CARNEIRO, Roberto; TEODORO DE MATOS, A. (ed.). *O século cristão do Japão. Actas do Colóquio Internacional Comemorativo dos 450 anos de amizade Portugal-Japão (1543-1993)*. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa ; Universidade Nova de Lisboa, 1994. p. 441-446.

BUESCU, Maria Leonor Carvalhão de. Para uma gramática universal. In: TAVARES, António Augusto (dir.). *Estudos Orientais III*. Lisboa, Instituto Oriental ; Universidade Nova de Lisboa, 1992. p. 145-149.

CAPITÃO, Maria Margarida da Silva Faria. *Entre duas civilizações: O Universo de Leituras em Wenceslau de Moraes*. Dissertação (Mestrado em Ensino do Português como Língua Segunda ou Estrangeira). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2012.

CARDOSO, Hugo. O português em contacto na Ásia e no Pacífico. In: MARTINS, Ana Maria; CARRILHO, Ernestina (ed.). *Manual de Linguística Portuguesa*. Berlin; Boston: De Gruyter, 2016. p. 68-97.

CARDOSO, Simão. *Historiografia gramatical (1500-1920)*. Porto: Faculdade de Letras do Porto, 1994.

CARTAS que os Padres e Irmãos da Companhia de Jesus escreverão dos Reynos de Iapão & China aos da mesma Companhia da India, & Europa des do anno de 1549 até o de 1580. Évora: Manoel de Lyra (1997) [1598]. Edição fac-similada e Apresentação de José Manuel Garcia, 2 vols. Maia: Castoliva.

CASTRO, Ivo. Filologia. In: *Biblos, Enciclopédia Verbo das literaturas de língua Portuguesa*. Lisboa: Verbo, 1997. p. 602-609.

CASTRO, Ivo. O Nome dos Portugueses. In: *A Estrada de Cintra. Estudos de Linguística Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional, 2017 [2001]. p. 281-294.

COELHO, Ana Elisa Eirinha Martins. *Imagens do Oriente, em particular do Japão, na correspondência de Wenceslau de Moraes*. Dissertação (Mestrado em História Contemporânea). Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, 2016.

COELHO, F. Adolfo. Os dialectos românicos ou neo-latinos na África, Ásia e América; Notas complementares. *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, 3.^a série, n. 8, p. 451-478, 1882.

COOPER, S. J., Michael. *Rodrigues, o Intérprete. Um jesuíta no Japão e na China*. Lisboa: Quetzal Editores, 1994.

DALGADO, Sebastião Rodolfo. *Influência do vocabulário português em línguas asiáticas: abrangendo cerca de cinquenta idiomas*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1913.

FELDMANN, Helmut. Vencesau de Moraes: uma busca da saudade total. *Revista de Cultura*, n. 17, p. 215-222, 1993.

FERNANDES, Gonçalo; ASSUNÇÃO, Carlos. First grammatical encoding of Japanese Politeness (17th century). *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 13, n. 1, p. 187-203, 2018.

FERNÁNDEZ LEBORANS, María Jesús. El nombre propio. In: BOSQUE, Ignacio; DEMONTE, Violeta (ed.). *Gramática descriptiva de la lengua española*. Vol. I. Madrid: Espasa Calpe, 1999. p. 77-128.

FONSECA, Fernando Venâncio Peixoto da. Os lusismos na língua japonesa. In: *Estudos Orientais III*. Lisboa: Instituto Oriental, 1992. p. 173-202.

FREITAS, Jordão de. Subsídios para a bibliografia portuguesa, relativa ao estudo da língua do Japão. *O Instituto*, Coimbra, n. 51-52, 1904-1905.

FRÓIS, Luís. *História de Japam*. 5 vols. Ed. anotada por José Wicki. Lisboa: Imprensa da Universidade, 1976-1984.

GARCIA, José Manuel; COSTA, João Paulo Oliveira (org.) *O Japão visto pelos portugueses*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1993.

GONÇALVES VIANA, A. R. *Apostilhas aos Dicionários Portugueses*. Tomos I-II. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1906.

HINO, Hiroshi. Alguns aspectos da onomatologia japonesa na *Arte Breve da Língua Japoa* da autoria do Padre João Rodrigues Tçuzu. *Estudos Orientais III*. Lisboa: Instituto Oriental, 1992. p. 159-172.

JANEIRO, Armando Martins. *Um Intérprete português do Japão – Wenceslau de Moraes*. Macau: Imprensa Nacional, 1966.

KIM, Tai Whan. *The Portuguese element in Japanese: a critical survey with glossary*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra ; Instituto de Estudos Românicos, 1976.

KOERNER, E. F. K. *Quatro décadas de historiografia linguística: estudos selecionados*. Prefácio de Carlos Assunção; seleção e edição de textos de Rolf Kemmler e Cristina Altman. Vila Real: Centro de Estudos em Letras ; Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2014.

LABORINHO, Ana Paula. *O essencial sobre Wenceslau de Moraes*. Lisboa: INCM, 2004.

LOPES, David. *Expansão da língua portuguesa no Oriente nos séculos XVI, XVII e XVIII*. Revista, prefaciada e anotada por Luís de Matos: Porto: Portucalense Editora, 1969 [1936].

MACHADO, Álvaro Manuel. *O mito do Oriente na literatura portuguesa*. Lisboa: Biblioteca Breve, 1983.

MACHADO, Diogo Barbosa. *Bibliotheca Lusitana*. 4 vols. Coimbra: Atlântida Editora, 1965-1967 [1741-1759].

MARQUILHAS, Rita. Filologia oitocentista e crítica textual. In: ALVES, Fernanda Mota; TAVARES, Sofia; SOEIRO, Ricardo Gil; PASQUALE, Daniela Di (ed.). *Filologia, Memória e Esquecimento*. Lisboa: Edições Húmus, 2010. p. 355-367.

MARUYAMA, Toru. *Influência dos Textos Portugueses no Estudo da Língua Japonesa Medieval*. Lisboa: Instituto Oriental, 1992.

MARUYAMA, Toru. Selective bibliography concerning the Jesuit Mission Press in the sixteenth and seventeenth centuries. *Nanzan Kokubun Ronshu. Journal of the Department of Japanese Language and Literature*, n. 20, p. 1-118, 1996.

MARUYAMA, Toru. Obrigado e Arigatoo. *Nanzan Studies on Japanese Language and Culture*. Nagoya: Nanzan University, 2003.

MARUYAMA, Toru. Linguistic studies by Portuguese Jesuits in sixteenth and seventeenth century Japan. In: ZWARTJES, Otto; HOVDHAUGEN, Even (ed.). *Missionary linguistics / Lingüística misionera*. Amsterdam: John Benjamins, 2004. p. 141-160.

MENDES, Marcos Alexandre Martins da Silva Rijo. *Wenceslau de Moraes: a visão da China*. Dissertação (Mestrado em Estudos Interculturais Português/Chines: Tradução, Formação e Comunicação Empresarial). Instituto de Letras e Ciências Humanas, Universidade do Minho, Braga, 2017.

MILLER, Roy Andrew. *The Japanese language*. Chicago: The University of Chicago Press, 1967.

OTAKE, Margaret Pine. Gairaigo – Remodeling Language to Fit Japanese. *Bulletin*, n.15, p. 87-101, 2008.

PIRES, Daniel. Uma perspectiva de Wenceslau de Moraes. In: BARREIROS, Pedro (org.). *Evocação de Wenceslau de Moraes*. Lisboa: INCM, 2007. p. 21-28.

PRISTA, Luís; ALBINO, Cristina. *Filólogos portugueses entre 1868 e 1943*. Lisboa: Colibri; Associação Portuguesa de Linguística, 1996.

RIBEIRO JR., Plínio. Ecos lusófonos no Japão: a era Meiji vista por Wenceslau de Moraes. *Světliterary – Časopis pro novodobé literatury (World of Literature – Journal for Modern Literatures)*, p.119-124, 2017.

RODRIGUES, João. *Arte Breve da Lingoa Iapoa*. Fac-simile do original existente na Biblioteca Nacional da Ajuda. Transcrição e tradução japonesa de Hino Hiroshi. Tóquio, 1993 [1620].

SOUSA, Maria do Carmo Teixeira de. *Portugal e Japão: uma amizade linguística. Parâmetros para análise das Cartas do Japão de Wenceslau de Moraes e da gramática Arte da Lingoa de Iapam de João Rodrigues*. Dissertação (Mestrado em Estudos Lusófonos). Faculdade de Artes e Letras, Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2021.

VASCONCELOS, José Leite de. *Antroponímia portuguesa: tratado comparativo da origem, significação, classificação, e vida do conjunto dos nomes próprios, sobrenomes...* Lisboa: Imprensa Nacional, 1928.

VASCONCELOS, José Leite de. A filologia portuguesa. Esbôço histórico. *Opúsculos*, Coimbra, v. IV, 1929.

VERDELHO, Telmo. *As origens da gramaticografia e da lexicografia latino-portuguesas*. Aveiro: INIC, 1995.

VERDELHO, Telmo. *O encontro do português com as línguas não europeias. Exposição de textos interlinguísticos*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Lisboa, 2008.

ZWARTJES, Otto. *Portuguese Missionary Grammars in Asia, Africa And Brazil, 1550-1800*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2011.